

O CORPO MASCULINO NA REVISTA FRANCESA *LA VIE AU GRAND AIR*.

Aline Ferreira Gomes¹

As vésperas da primeira Grande Guerra, a revista semanal de esportes *La vie au grand air* surgiu com a proposta de oferecer aos seus leitores uma publicação visualmente voltada para a fotografia. A edição, dedicada especialmente ao mundo esportivo, surge em 1898 com uma proposta de publicação inovadora para o gênero. Fundada por Pierre Lafitte (1872-1938), jornalista esportivo de Bordeaux, a revista francesa circulou até meados de 1922.

O uso da fotografia nas páginas dessa publicação inovou na diagramação, na dimensão das reproduções e nas intervenções realizadas nas imagens. Criando mosaicos visuais, que eram no mínimo inovadores, as edições exibiam fotografias que ocupavam todo o espaço das páginas, que recebiam pigmentações e montagens que foram aplicadas de diversas maneiras.

Os temas variavam entre eventos esportivos ou a apresentação de um único atleta, ora em momentos de atuação, ora apenas posando para a câmera. Muitas dessas fotografias transformavam-se em verdadeiros retratos.

Nas capas de *La vie au grand air*, o corpo masculino é presença predominante. Embora fotografias de mulheres atletas tenham protagonizado algumas edições, é o corpo masculino que mais se expõe. Luta, atletismo e ciclismo eram as modalidades que exibiam atletas em trajes esportivos que pouco cobriam as formas corporais. Já a equitação ou o tiro apresentavam homens com trajes formais, verdadeiros dândis em poses teatrais e posturas altivas.

O boxe tem seu papel importante no esporte moderno e foi tema de muitos números da revista. Algumas das capas, que exibiram lutadores de boxe, retratavam atletas que se destacavam em competições

¹ Doutoranda em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/IFCH). Agência financiadora FAPESP.

importantes. A edição de janeiro de 1911 (figura 01) traz a fotografia de Jack Johnson, campeão mundial da modalidade. Na imagem, a cabeça, o pescoço, ombros e uma pequena porção do tórax são exibidos. O corpo robusto, moldado pelos músculos muito desenvolvidos encurtam o comprimento do pescoço e garantem relevo aos ombros. Os punhos cerrados, gesto tradicional dos pugilistas, servem como identificador da sua atividade. O busto nu se sobrepõe ao fundo neutro e esconde parte da inscrição em francês: *memoires de Jack Johnson*. O olhar direcionado aos olhos do observador e a boca semicerrada desconstroem qualquer sinal de violência que tradicionalmente estaria vinculado à figura de um boxeador.

No mês seguinte, outro pugilista aparece na capa (figura 02): Sam Langford se apresenta com uma vestimenta que encobre o tronco, mas deixa exibir os ombros. Apenas um dos punhos cerrados é visto e o recorte circular reduz a visualidade dos detalhes. Ficamos apenas com imaginação da continuidade da cena: o braço esquerdo estaria estendido e provavelmente repetindo o gesto dos punhos cerrados, como se atingisse o ar com um soco. O corpo ligeiramente em diagonal, permite observar as linhas da axila e do músculo deltoide que compõe o ombro direito. O olhar desviante da lente fotográfica, as sobrancelhas bem demarcadas e os lábios fechados realçam um olhar distante, sinalizando introspecção.

Tal postura muda por completo na edição de março de 1911 (figura 03). A capa apresenta novamente Sam Langford, agora no primeiro plano e com roupas de inverno. Semelhante ao recorte de um busto tradicional, o atleta abandona a feição sisuda da capa anterior e passa a exibir um sorriso que demarca as linhas do rosto. Seus olhos com pequenas aberturas se direcionam para o canto direito da cena. Atrás posiciona-se um outro boxeador. É Sam Mac Vea. Seu corpo é apresentado com recorte semelhante, porém a nudez, a posição acima de Langford e os cabelos com certo volume, constroem a figura de um homem maior, aparentemente mais forte que o outro atleta. O olhar de Vea é de uma expressividade hipnotizante, circunspecto, longínquo, e destoa da face vibrante do outro de Langford. A legenda brinca com a coincidência dos nomes *Les deux Sam* (Os dois Sam) que se enfrentariam em 1º de abril daquele ano.

A composição dessas fotografias retoma algumas das representações de atletas da antiguidade. Os mosaicos romanos das Termas de Caracala (figuras 04 e 05) exibem bustos de homens com recortes muito semelhantes aos lutadores das capas da revista francesa. Embora descobertos em 1824, os mosaicos foram transferidos para o acervo do museu do Vaticano somente nos anos de 1960. A comparação com as capas da revista francesa permite observar que as formas se repetem: ombros largos, pescoço de comprimento curto, rostos arredondados e músculos protuberantes exibidos pela nudez. Na comparação, os olhares parecem seguir a mesma sequência dos mosaicos, Jack Johnson mira o observador enquanto Sam Langford desvia o olhar (figura 03).

Na edição de 30 de junho de 1904, a capa exibe o retrato do ciclista Mayer (figura 06). O tronco inclinado sobre o guidão da bicicleta projeta o rosto para o primeiro plano. Quase atravessando os limites

da imagem, o olhar sombrio do atleta confronta a lente do fotógrafo. A roupa de inverno colada ao corpo, ressalta os contornos dos braços torneados e rígidos. O bigode de penugem comprida esconde os lábios e reforça o semblante casmurro. A figura ocupa grande porção da capa obrigando a divisão do título da revista em duas partes. Seu aspecto quase fantasmagórico nos recorda que provas esportivas não se vinculam apenas ao prazer, são antes de tudo embates entre o corpo e seus limites.

A capa de novembro do mesmo ano (figura 07), exhibe um cronômetro em dimensões gigantescas. Dois atletas percorrem o objeto como se este fosse local habitual de competição. O plano utilizado, promove a sensação de que os atletas só não despencam da posição por estarem presos ao objeto como imãs. Personagens de um cenário fantástico. Embora o caráter estático seja intrínseco à imagem, a composição indica que o movimento não é característica apenas dos ponteiros, mas também, ciclista e corredor, garantem dinamismo à cena, uma vez que são atletas velocistas, ambos batedores de recordes em competições.

O caráter heroico - a demonstração de que homens são capazes de criar o impensável com seus corpos - são características exploradas em muitas das capas da revista. A imagem escolhida para estampar a primeira página da edição de 1908 é resultado de um esforço extraordinário de um atleta (figura 08). O cenário são os jogos olímpicos de Londres. O saltador se contorce extraordinariamente. Tronco e coxas transformam-se em um único conjunto: nessa unidade sobressaem braços e pernas, como tentáculos, que se prologam no ar ressaltando o virtuosismo atlético. O rosto é ocultado e a identidade do atleta fica ao encargo da legenda. O pigmento rosado aplicado em todo o esportista e que acompanha o sarrafo, funciona como um elemento singular. A impressão é que o atleta possui forças inumanas. Apenas um corpo com poderes sobrenaturais poderia realizar tal feito, um verdadeiro espetáculo corporal.

A arte do programa oficial do evento, feita por Arthur Stockdale Cope, também trazia a modalidade na capa². A ilustração refere-se ao mesmo momento da fotografia da revista francesa. Porém, o ângulo escolhido transforma o salto em um exercício modesto quando comparado ao da fotografia de *La vie au grand air*.

Três anos antes, a edição de junho já indicava o apreço do editor pelos momentos espetaculares do esporte. A capa da edição de junho de 1905³ exhibe três ciclistas enfileirados, apresentando o estado de cada atleta. Os perfis ocupam todo espaço da página. As cabeças ganham força pela dimensão e pelas expressões distintas de cada ciclista, transformam-se em esculturas. O olhar introspectivo do atleta no primeiro plano, a mirada em diagonal do ciclista no meio e as rugas decorrentes do esforço no rosto do último atleta, transportam o observador para a pista de corrida.

² Cf. Arthur Stockdale Cope. Capa do programa oficial dos Jogos Olímpicos de 1908, Londres.

³ Cf. *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Capa da edição de 30/06/1905. Fotografia autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9606610k/f1.item>

Em provas de velocidade, as imagens da linha de chegada contêm composições semelhantes. A escultura de Boucher apresenta esse tema⁴. Três atletas estendem seus corpos na tentativa desesperada de alcançar o fim do trajeto. O escultor francês da geração de Rodin é capaz expor habilidosamente todo o esforço dos corpos no prolongamento dos músculos e das articulações. Na escultura, diferentemente da fotografia, há o caráter tridimensional, e assim a possibilidade do observador percorrer o entorno da obra e notá-la em todos os ângulos. Nesse percurso, o empenho de cada atleta que tenta ultrapassar seu oponente se acentua. Embora a fotografia possua a limitação da reprodução bidimensional, o espetáculo do desporto competitivo é retratado com a força e tensão que o momento de finalização de uma etapa possui.

Mas *La vie au grand air* não se tornou notável somente pelas suas capas. Percorrendo o interior da revista, as páginas das edições surpreendem pelas suas diagramações elaboradas. As fotografias recebiam molduras de composições sofisticadas, recortadas por elementos geométricos e dispostas em formatos gráficos, produziam simultaneamente significado e espetáculos, transformando-se em outro elemento de destaque nas edições.

A edição de dezembro de 1903 exhibe uma matéria sobre os lutadores que disputariam o cinturão de ouro⁵. Os oito retratos foram recortados e organizados de modo que o conjunto formasse um elemento gráfico de pontuação. O ponto de interrogação termina com a pergunta: *À qui la ceinture d'or?* (De quem será o cinturão de ouro?). Centrada na página, a composição dispersa o texto em cada lado de suas curvas, e as frases se acomodam, mesmo que o arranjo prejudique a leitura, tudo é voltado para compor um efeito visual inovador. Os bustos fotográficos permitem identificar cada atleta, figurando uma coleção de pugilistas ordenados como se compusessem uma coreografia. Qualquer leitor que folhear a revista, mesmo que rapidamente, se sentirá atraído pelo ponto de interrogação que atravessava todo comprimento da página.

Poucos meses depois, o mesmo método ilustra⁶ os barcos a motor que seriam utilizados no rali de Mônaco. Dessa vez, explorando a forma das hélices que impulsionam os barcos. Cada uma das lâminas serve de suporte para exibir fotografias dos barcos e o texto novamente sofre a dinâmica das formas, e é distribuído nos espaços restantes.

Outro arranjo inovador na diagramação eram as sequências de fotografias que tratavam dos episódios esportivos. Exibidas lado a lado, agrupavam-se de maneira seriada e garantiam ao leitor experiências narrativas, em algumas ocasiões remetendo às composições cinematográficas.

⁴ Cf. Alfred Boucher. *Au But* (The Finishing Line), c. 1886, escultura em bronze, 67 x 102 cm. Coleção Privada. Disponível em: <http://www.jansantiques.com/Lot/jac1697.html>

⁵ Cf. *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Edição de 24/12/1903. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9617847w/f17.item>

⁶ Cf. *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Edição de 25/02/1904. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96058047/f18.item>

Na edição de agosto de 1910, a revista consagrou o uso da impressão em páginas duplas (figura 09). A reportagem sobre a travessia do piloto americano John Moisant que sobrevoou Paris até Londres ousava na sua composição gráfica. As duas folhas exibiam cinco imagens acompanhadas de legendas curtas. Quatro fotografias em formato retangular são apresentadas em segundo plano, e se observadas circularmente construíam uma narrativa. O quarteto de fotografias é unido pela figura do piloto. O protagonista da jornada é colocado em primeiro plano, quase saltando da página. O recorte e a dimensão de seu corpo reforçam o protagonismo do personagem.

A página dupla também foi recurso utilizado para apresentar os boxeadores campeões do mundo e de torneios na França (figura 10). Os lutadores preenchem o interior de um par de luvas de boxe. São retratos expressivos. Todos os atletas vestindo calção de luta e exibindo o peito nu. Fazem poses, com punhos cerrados ao modo dos gestos da modalidade, encaram o observador e se exibem para os leitores. A legenda na porção inferior das páginas identifica cada atleta e até brinca com a ausência do campeão na categoria de pesos médios, retratando um lutador sem rosto identificado na imagem pela letra “c”.

O boxe é ainda tema de outras matérias da revista. A luta entre Moir e Wells⁷ é registrada por sequências fotográficas e o arranjo na página, remete aos esquemas cinematográficos. Cada instante capturado congela a atuação esportiva e, exibidas em conjunto, narram os acontecimentos do evento. Evidentemente as imagens recordam os estudos de Eadweard J. Muybridge (1830-1904). Muybridge inicia as séries de fotografias sobre boxe por volta da década de 1880. As cenas são numerosas⁸. São *frames* de cada instante, cada movimento realizado é capturado pela lente fotográfica. Os gestos são catalogados em um trabalho de decomposição. Transformando-se em um material que pode ser observado e estudado minuciosamente, aos modos de um cientista em seu laboratório de pesquisa.

Já a imagem que acompanha um dos relatos de Jack Johnson⁹, lutador americano radicado na França, que narra a luta entre Tommy Burns e Bill Squires, relembra as cenas do pintor norte americano George Bellows¹⁰. As duas cenas se aproximam pelo cenário, o ângulo e até a posição dos atletas. O gesto do pintor nas pinceladas e as tonalidades aplicadas conferem maior dramaticidade à cena. Mas o registro fotográfico não deixa de evidenciar o caráter dinâmico do esporte. Fotografia e quadro, se ambientam no ringue, o público das duas situações, predominantemente masculino, se assemelha nas vestimentas. No entanto, diferentemente do cenário de Bellows, que sugere um espetáculo noturno e informal, a cena da

⁷ Cf. *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Edição de 21/01/1911, p. 43. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9604475m/f12.item>

⁸ Cf. Eadweard J. Muybridge. *Boxing; open hand (shoes)*. ca. 1884 - 1887. Disponível em: library.artstor.org/asset/AEAST-MANIG_10313035153

⁹ Cf. *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Edição de 25/03/1911. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96043046/f16.item.r=combats.zoom.textelImage>

¹⁰ Cf. George Bellows. *Stag at Sharkey's*, 1909. Óleo sobre tela, 110 x 140.5 x 8.5 cm. Acervo: Cleveland Museum.

revista francesa é o retrato de uma competição de caráter profissional.

O título da revista acompanha um projeto de devoção à paisagem natural que é percebida na Europa, mais acentuadamente, no fim do século XVIII. O apreço pela natureza converte-se em preceitos científicos e filosóficos. Em *Emílio ou da Educação*, Rousseau¹¹ apresenta suas proposições e defesas de um retorno à natureza, da importância do ar livre e puro encontrado no campo e nas montanhas, dos exercícios corporais em pleno ar e sol, dos banhos frios, da frugalidade alimentar, da negação aos excessos de conforto, da utilização das roupas largas, da negação e do abandono de tudo o que é artificial, sem esquecer da negação do ócio.

Já no início do século XX ganham força na França movimentos naturistas. Médicos e especialistas com interesses em compreender a problemática da saúde por meio de elementos naturais (climatologia, helioterapia, hidroterapia, etc) criam procedimentos terapêuticos definidos e aplicados aos elementos da natureza. Tais projetos promoviam um certo fascínio pela natureza e pela aventura, passavam a fazer parte de uma educação do corpo que prepararia o indivíduo para enfrentar e adaptar-se ao mundo.

A apresentação do corpo masculino em uma publicação popular como foi a revista francesa, se entrelaça à construção do heroísmo. A figura do herói representa antes de tudo a audácia num conjunto de ações inovadoras, que muito provavelmente não teríamos coragem de realizar. As imagens sofisticadas da revista francesa ressaltam esse virtuosismo heroico servindo-se muitas vezes de influências diretas de produções artísticas advindas de outros suportes. Momentos que recriam o corpo masculino como protagonista de um mundo de habilidades corpóreas quase impensáveis em conquistas oníricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Henry. George Bellows: New York, Los Angeles and Columbus. *The Burlington Magazine*, London, v. 134, n. 1075, p.684-687, oct.1992.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989. 385p.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio, en el proceso de la civilizacion*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1995.

GERVAIS, Thierry. L'invention du magazine: La photographie mise en page dans "La Vie au grand air" (1898-1914). *Études photographiques*, no. 20, 09 set. 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etudesphotographiques/997>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

¹¹ ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HAYWOOD, Robert. George Bellows's "Stag at Sharkey's": Boxing, Violence and Male Identity. *Smithsonian Studies in American Art*, vol. 2, no. 2. p. 2-15. Spring. 1988.
- HILL, Paul. *Eadweard Muybridge*. London: Phaidon, 2001. 125 p.
- LAFITTE, Pierre (ed.). *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports, Paris, 1898 -1922. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32888685g/date&rk=21459;2>>. Acesso em: 13. nov. 2017.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

FIGURAS



Figura 1 – *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Capa da edição de 21/01/1911. Fotografia, autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9604475m/f1.image>

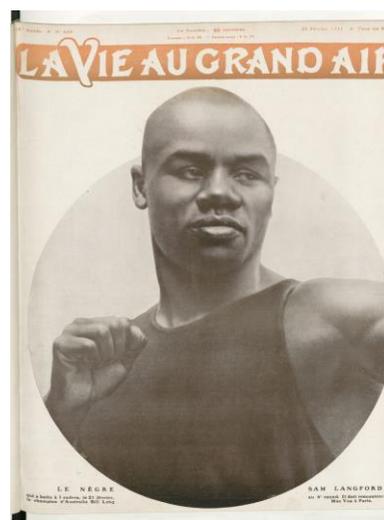


Figura 2 – *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Capa da edição de 25/11/1911. Fotografia, autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9604081z/f1.item.r=bill%20lang.textelImage>



Figura 3 – *La Vie au grand air*: revue illustrée de tous les sports. Capa da edição de 25/03/1911. Fotografia, autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96043046/f1.item.r=combats>



Figura 4 – Mosaico. Termas de Caracalla, Roma, c. século IV a. C. Disponível em: li-brary.artstor.org/asset/ARTSTOR_103_41822000585289



Figura 5 – Mosaico. Termas de Caracalla, Roma, c. século IV a. C. Disponível em: li-brary.artstor.org/asset/ARTSTOR_103_41822001543436



Figura 6 – *La Vie au grand air: revue illustrée de tous les sports*. Capa da edição de 30/06/1904. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96058062/f1.item>



Figura 7 – *La Vie au grand air: revue illustrée de tous les sports*. Capa da edição de 03/11/1904. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9605282c/f1.item>

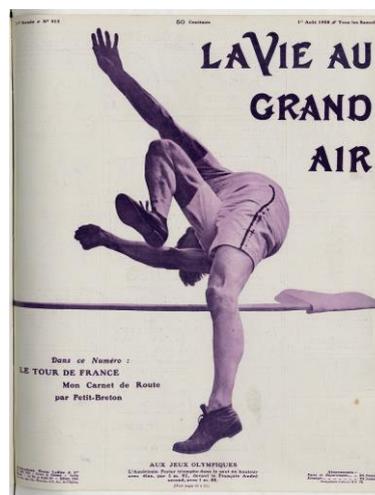


Figura 8 – *La Vie au grand air: revue illustrée de tous les sports*. Capa da edição de 01/08/1908. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k12041007/f1.image.r=la%20vie%20au%20grand%20air>

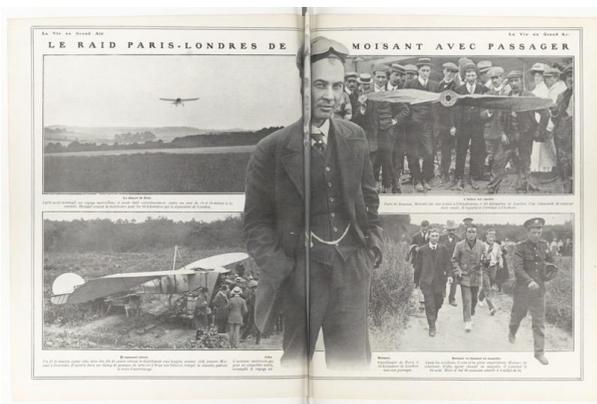


Figura 9 – *La Vie au grand air: revue illustrée de tous les sports*. Edição de 27/08/1910, p. 638 e 639. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9605343m/f10.double>

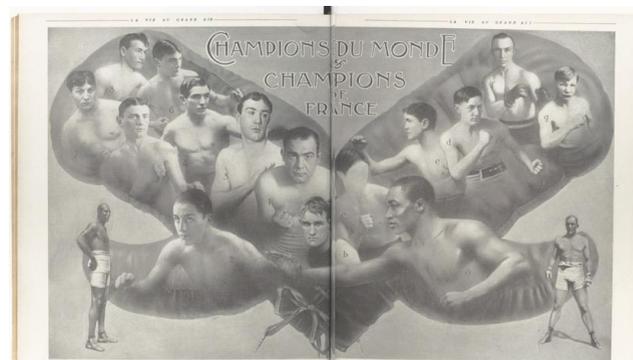


Figura 10 – *La Vie au grand air: revue illustrée de tous les sports*. Edição de 31/01/1914. Autor desconhecido. Editor: Pierre Lafitte. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96053886/f10.item>